

# Emmanuel Lévinas e a idéia do infinito



BENEDITO ELISEU LEITE CINTRA

## *Resumo*

O autor, depois de uma breve apresentação do “fenomenólogo” Emmanuel Lévinas, discorre sobre as origens do pensamento desse judeo-lituano-francês, principalmente como aparece em sua obra máxima *Totalité et Infini*. Indica como o filósofo assumiu de Descartes a “idéia do infinito”, contudo apenas em seu esquema formal: “seu *ideatum* excede sua idéia”. Lévinas transfere para a experiência do face a face, a idéia do infinito, onde esta se torna *saber* para outrem. Igualmente se torna “desejo do invisível” ou “desejo metafísico”, de onde a ética se faz filosofia primeira. O homem está suspenso à sua própria liberdade, a se justificar pela *bondade* e a *generosidade*.

*Palavras-chave:* Lévinas; fenomenologia; idéia do infinito; face a face; ética.

## *Abstract*

The author, after an abbreviated presentation of the “phenomenologist”

Emmanuel Lévinas, discourses the origins of thought of this French Lithuanian Jew, mainly as it appears in his maximum work *Totalité et Infini*. It indicates how the philosopher assumed at Descartes the “idea of the infinite”, however just in his formal outline: “his *ideatum* exceeds his idea”. Lévinas transfers, into the experience of the face to face, the idea of the infinite, where it becomes *wisdom* to someone else. Equally it turns into “desire of the invisible” or “metaphysic desire”, from where the ethics is made first philosophy. The man is suspended to his own freedom, justifying himself by goodness and generosity.

*Key-words:* Lévinas; phenomenology; idea of the infinite; face to face; ethics.

## *Começando*

Emmanuel Lévinas é ainda pouco conhecido do público acadêmico no Brasil. É um pensador judeo-lituano-francês. Judeu, porque nascido desse

povo. Lituano, porque nasceu em Kaunas, na Lituânia. Francês, porque adotou a cidadania francesa. Diz que tem três solos lingüísticos: o hebraico, por sua origem judaica; o russo, falado na Lituânia, e o francês, porque escreve nessa língua. Então também diz que pensa nesses três idiomas. Por certo, isso oferece desafio adicional na leitura de suas obras.

Lévinas nasceu no dia 25 de dezembro de 1905 e faleceu em 25 de dezembro de 1995. Emigrou para a França em 1923. Deste ano até 1930 estudou filosofia em Estrasburgo, participando em 1928-1929 de seminários com Husserl e com Heidegger em Friburgo, na Brisgóvia. Em 1930 doutorou-se em filosofia com a tese *La théorie de l'intuition dans la phénoménologie de Husserl*,<sup>1</sup> obra premiada pelo *Institut de France*. Foi dos primeiros introdutores da fenomenologia husserliana na França, tendo traduzido, em parceria com Mlle. G. Peiffer, *Méditations cartésiennes*, de Husserl. O judeu Emmanuel Lévinas foi prisioneiro em campos de concentração nazistas de 1939 a 1945, na Bretanha e na Alemanha. Então soube que sua família tinha sido morta na Lituânia. Ensinou nas Universidades de Poitiers, Paris-Nanterre, Paris-Sorbonne, Lovaina, Utrecht e Jerusalém.<sup>2</sup>

1. LÉVINAS, Emmanuel. (1984), *La théorie de l'intuition dans la phénoménologie de Husserl*. Paris, Vrin.

2. LÉVINAS, Emmanuel. (1976), *Difficile liberté: essais sur le judaïsme*. Paris, Albin Michel, Cf. CINTRA, Benedito Eliseu Leite. (1998), "Duas notas sobre Emmanuel Lévinas". *Revista Brasileira de Filosofia*. São Paulo, Instituto Brasileiro de Filosofia, vol. XLIV, fasc. 192, out-dez, pp. 428-446.

*"Totalité et Infini: essai sur l'extériorité"*, foi escrito por Emmanuel Lévinas para a sua livre-docência (Doctorat ès Lettres) na Sorbonne. Tornou-se a obra de referência para seu pensamento, da qual sempre fará, em seguida, retomada reflexiva. A respeito do livro há uma história contada por Jacques Taminiaux nas celebrações do Centenário da Fundação do Instituto Superior de Filosofia da Universidade de Lovaina. Na sessão dedicada ao "movimento fenomenológico", sua exposição traz a seguinte passagem:

A coleção *Phaenomenologica* tinha nascido: o primeiro volume fora um manuscrito de Eugen Fink. Entre os que logo o seguiram, me lembro de um esboço calhamaço mal datilografado, coberto de rasuras e correções manuscritas, que Van Breda me entregou imperiosamente: "Leia isso. Preciso de um parecer detalhado dentro de quinze dias. Deus sabe que amo o autor, mas vejo que está cheio de críticas a Husserl. Compreenda que hesito, mas confio em você". Era *Totalité et Infini*. Depois de quinze dias, assegurei ao Padre Van Breda de que o texto era de extrema importância e deveria ser publicado com toda prioridade. Felizmente logo se pôs do meu lado, e, como eu sabia do que se tratava, fez-me seu representante na Sorbonne na defesa de Lévinas. Merleau-Ponty, acometido de crise cardíaca poucos dias antes, fora substituído na banca por Jankélévitch, que saudou o laureando — cito de memória — desta forma: "Caro Senhor, felicito-o por nos ter enfim desembaraçado desse pensamento alemão que nos fez tanto mal!".

Lévinas com espanto retorquiu sem demora: “Senhor, mas eu sou fenomenólogo!”.<sup>3</sup>

Fenomenólogo, mas não tanto! Justamente em *Totalité et Infini*<sup>4</sup> diz que “a fenomenologia husserliana tornou possível a passagem da ética à exterioridade metafísica”. Isso em semelhança a que o “idealismo” de Platão tornou possível o “realismo” de Aristóteles. Se, conforme jargão de certa aristotélica medieval, *nihil in intellectu quod prius non fuerit in sensu*, “nada no intelecto que antes não esteja no sentido”, Lévinas repete para a fenomenologia “Intencionalidade e sensação”. Sob este título, escreve:

A intencionalidade trazia a idéia nova de uma saída de si, acontecimento primordial que condicionava todos os outros, não podendo ser interpretado por qualquer movimento mais profundo e mais interno da Alma. Esta transcendência prevalecia mesmo sobre a consciência de si... No primeiro contacto com Husserl só contava essa abertura, essa presença no mundo “na rua e nas estradas” e essa revelação de que em breve se iria falar.<sup>5</sup>

Isso lembra Sartre. Já muito antes de sua obra monumental, *Critique de la*

*raison dialectique*<sup>6</sup>, Sartre entendia a *intencionalidade* de Husserl à maneira de Lévinas:

Contra a filosofia digestiva do empiriocriticismo, do neokantismo, contra todo “psicologismo”, Husserl não se cansa de afirmar que não podemos dissolver as coisas na consciência. Vedes esta árvore, certo. Mas a vedes no lugar mesmo em que está: à beira da estrada, no meio da poeira, sozinha e curvada sob o calor... Não poderia entrar na vossa consciência, porque a árvore não é da mesma natureza que a consciência... É que Husserl vê na consciência um fato irreduzível que nenhuma imagem física pode manifestar... Conhecer é “explodir para”, arrancar-se da úmida intimidade gástrica e deslizar para fora além de si, rumo ao que não é si mesmo, para longe, para junto da árvore e no entanto fora dela, porque ela me escapa e me rejeita... A consciência é clara como um grande vento, não há nada dentro dela, exceto um movimento para fugir de si, um deslizamento para fora de si; se, impossivelmente, entrásseis numa consciência, “em” uma consciência, séreis tomados por um turbilhão e expelidos para fora, para junto da árvore, expostos à poeira, porque a consciência não tem “dentro”; não é senão o “fora” dela mesma... o sentido profundo da descoberta que Husserl exprime nessa famosa frase: “Toda consciência é consciência *de* alguma coisa”. Não é preciso algo mais para acabar com a frouxa filosofia da imanência... A filosofia da transcendência nos joga sobre a gran-

3. TAMINIAUX, Jacques. (1990), “Centenaire de la Fondation de L’INSTITUT SUPÉRIEUR DE PHILOSOPHIE”. *Revue Philosophique de Louvain*, 88:250, mai.

4. LÉVINAS, Emmanuel. (1988), *Totalité et Infini*: essai sur l’extériorité. 4ème édition. Dordrecht/Boston/London, Kluwer Academic Publishers.

5. LÉVINAS, Emmanuel. (1967), *En découvrant l’existence avec Husserl et Heidegger*. Paris, Vrin.

6. SARTRE, Jean-Paul. (1960), *Critique de la raison dialectique*. Paris, Gallimard.

de estrada, no meio das ameaças, sob uma luz ofuscante... Esta necessidade para a consciência de existir como consciência de outra coisa, Husserl a denomina “intencionalidade”.

Husserl reinstalou o horror e o charme nas coisas. Restituiu-nos o mundo dos artistas e dos profetas: medonho, hostil, perigoso, com enseadas de graça e de amor. Abriu espaço livre para um novo tratado das paixões que se inspire nesta verdade tão simples mas tão desconhecida por nossos refinados... Não é mais em um não sei qual retiro que a nós mesmos haveríamos de nos descobrir: é na rua, na cidade, no meio da multidão, coisa entre as coisas, homem entre os homens.<sup>7</sup>

O subtítulo de *Totalité et Infini* é “essai sur l’extériorité”. Mas, de qual “exterioridade” Lévinas fala? Sartre diz para nos descobrirmos “coisa entre as coisas, homem entre os homens”. Lévinas diz originariamente da exterioridade de “outrem”, João, Maria, Pedro, Josefa... É para eles que se reporta “a idéia do infinito”. Enrique Dussel<sup>8</sup> interpreta muito bem Lévinas ao dizer de *diferente e distinto*. O diferente se dá na Totalidade e o distinto se dá na Proximidade. Na Totalidade cumprimos

papéis, na Proximidade estamos face a face. “Face a face” é primordial em Lévinas, mais do que um mero *leitmotiv* de seu pensamento, experiência originária do inter-humano, quer dizer, do humano: *a posteriori* na função de *a priori*. Experiência originária, na proximidade ética de alguém, de nudez sem máscara. Por conseguinte: *La morale n’est pas une branche de la philosophie, mais la philosophie première*, “a moral não é um ramo da filosofia, mas a filosofia primeira”.<sup>9</sup>

### *Caminhando*

Em 1951 Lévinas publicou em *Revue de Métaphysique et de Morale* o texto “A filosofia e a idéia do infinito”.<sup>10</sup> Ele aparece republicado em *En découvrant l’existence avec Husserl et Heidegger*.<sup>11</sup> Um texto na origem de *Totalité et Infini*, onde, dentro de LE MÊME ET L’AUTRE, A. MÉTAPHYSIQUE ET TRANSCENDANCE está “5. La transcendance comme idée de l’infini”.<sup>12</sup>

Seria longo explicar adequadamente todas essas subsunções. Brevemente, se o “face a face” se dá entre o “eu de mim mesmo” e o “outro de mim mes-

7. SARTRE, Jean-Paul. (1947), “Une idée fondamentale de la phénoménologie de Husserl: L’Intentionnalité (janvier 1939)”. *Situations I*. Paris, Gallimard, p.29-32.

8. DUSSEL, Enrique. (1996), *Para uma ética da libertação latino-americana*. São Paulo, Piracicaba, Loyola, UNIMEP, sd., 5v. Cf. CINTRA, Benedito Eliseu Leite. “A verdade supõe a justiça”. *Reflexão*. Revista do Instituto de Filosofia e Teologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 21(66):150-175 set.-dez.

9. LÉVINAS, Emmanuel. (1988), *Totalité et Infini*, op. cit., p. 281.

10. LÉVINAS, Emmanuel. (1951), “La philosophie et l’idée de l’infini” *Revue de Métaphysique et Morale*, 56(1):88-98, jan.-mars.

11. LÉVINAS, Emmanuel. (1967), *En découvrant l’existence avec Husserl et Heidegger*, op. cit., pp. 165-178.

12. LÉVINAS, Emmanuel. (1988), *Totalité et Infini*, op. cit., pp. 18-23.

mo”, tomo a atitude de “primado do mesmo ou narcisismo” ou tomo a atitude “metafísica e transcendente”. O termo “metafísica” tem em Lévinas significado próprio. Não é o de Kant, afinal com os paradoxos das idéias meramente reguladoras da Dialética Transcendental; nem o de Heidegger ao substituir a metafísica ocidental por esquecida ontologia. Para Lévinas a *ética* tem o nome de *metafísica* porque se refere à *transcendência* de “outrem”, que não é meramente *física*. O indicativo dessa transcendência é “a idéia do infinito”.

Diga-se também de *desejo* e *idéia do infinito*, seguindo o título do primeiro parágrafo de *Totalité et infini*, “*Désir de l’invisible*”, “Desejo do invisível”. Ao lado de certa solenidade do estilo, parece que todo o destino do livro se joga nessas primeiras linhas. Há comoção nas imagens e nas idéias que inauguram a primeira seção do texto. Tudo para marcar que “o desejo metafísico tende para *coisa totalmente outra*, para o *absolutamente outro*”. Considere-se que Lévinas não está dizendo de Deus, pois não faz teologia!

*Totalmente, absolutamente!* Se usarmos advérbios como *radicalmente, fundamentalmente, essencialmente, substancialmente, ultimamente*, ou um outro que se possa ainda sugerir, estaremos só representando o irrepresentável: *a separação infinita* de Outrem no *face a face*, “relação última e irreduzível que nenhum conceito abrange”.

O *face a face* não é *a priori* como conceito e menos ainda como *princípio* lógico ou axioma. É *fato* da *experiência* cotidiana, fato *metafísico*, isto é, *ético*,

por isso implicando, na *liberdade* de cada um, *bondade* e *generosidade*. As próprias palavras de Lévinas:

O desejo metafísico tende para *coisa totalmente outra*, para o *absolutamente outro*... Na base do desejo comumente interpretado encontrar-se-ia a necessidade (*bésoin*): o desejo marcaria um ser indigente e incompleto ou decaído de sua grandeza passada. Coincidiria com a consciência do que foi perdido. Seria essencialmente nostalgia, saudade. Mas, desse modo, nem sequer suspeitaria o que é o verdadeiramente outro... Porque se fala levemente de desejos satisfeitos ou necessidades sexuais ou, ainda, de necessidades morais e religiosas... O desejo metafísico tem outra intenção — deseja o que está além de tudo o que possa simplesmente completá-lo. É como a bondade — o Desejado não o cumula mas o escava.

Generosidade alimentada pelo Desejado, relação que não é desaparecimento da distância, não é aproximação ou, tomando de mais perto a essência da generosidade e da bondade, relação cuja positividade vem do distanciamento, da separação... Distanciamento que só é radical se o desejo não é possibilidade de antecipar o desejável, não o pensa previamente e vamos para ele numa aventura, isto é, para a alteridade absoluta, inanticipável, como vamos para a morte... A visão é adequação da idéia e a coisa, compreensão que engloba. O Desejo é desejo do absolutamente Outro... que precisamente, *entende* o distanciamento, a alteridade e a exterioridade do Outro. Para o Desejo esta alteridade, inadequada à idéia, tem um sentido. É entendida como alteridade de Ou-

trem e como do Altíssimo... Morrer pelo invisível — eis a metafísica.<sup>13</sup>

Experiência metafísica ou ética, o face a face se dá pelo desejo *bom e generoso*, contanto que se o *deseje*! Nele, fica o homem suspenso à sua própria liberdade, a se justificar pela *bondade* e a *generosidade*.

A respeito da natureza ética do face a face, Lévinas lembra

a importância em Husserl da intencionalidade axiológica. O caráter de valor vem de uma atitude específica da consciência, de uma intencionalidade não teórica, liminarmente irreduzível ao conhecimento.<sup>14</sup>

Todavia, quase a cada passo de sua reflexão, Lévinas afasta da exterioridade do *rostro* a experiência presidida pelo conhecimento. A fenomenologia, neste ponto, é abandonada por Lévinas:

Não sei se posso falar de *fenomenologia* do rosto, pois a fenomenologia descreve o que aparece. Da mesma forma, me pergunto se posso falar de olhar voltado para o rosto, porque o olhar é conhecimento, percepção. Penso antes que o acesso ao rosto é liminarmente ético... O rosto é significação sem contexto... O rosto tem sentido sozinho. Você é você. Por isso, pode-se dizer que o rosto não é "visto"... A significação

13. LÉVINAS, Emmanuel (1988), *Totalité et Infini*, op. cit., pp. 1-5.

14. LÉVINAS, Emmanuel. (1982), *Éthique et Infini*. Dialogues avec Philippe Nemo, Paris, Fayard, 1982.

do rosto o faz sair do ser enquanto correlativo ao saber... O rosto é o que não se pode matar, cujo *sentido* está em dizer: "Tu não matarás"... A exigência ética não é necessidade ontológica. A interdição de matar não torna impossível o assassinio... A aparição no ser destas "estranhezas éticas" ("*étranges éthiques*") — humanidade do homem — é uma ruptura do ser.<sup>15</sup>

"Tu não matarás", ou como verte no modo afirmativo, "farás tudo para que o outro viva".<sup>16</sup> Há curiosa ou estranha proposição de Lévinas: "O homem que come é o mais justo dos homens",<sup>17</sup> porque, afinal, a primeira *justeza* ou *justiça* primeira é o "amor à vida".<sup>18</sup> Proposição *ética* a fundamentar qualquer projeto *político*!

Face a face, o rosto é *interioridade* exterior a mim e *exterioridade* interior a si. Lévinas fala de *segredo*, somente pelo qual é possível o pluralismo da sociedade. Conseqüentemente,

15. LÉVINAS, Emmanuel. (1982), *Éthique et Infini*, op. cit., pp. 79-80. *Visage* é o termo de Lévinas, aqui traduzido por "rosto". Caldas Aulete registra *visagem* em português, também com sentido de *cara*, *rostro*, mas não julgo, por ser termo antigo, que se deva empregá-lo para a significação levinasiana. Susin traduz por "olhar", olhar de alguém por detrás de seu *aspecto* para mim (SUSIN, Luiz Carlos. *O homem messiânico*. Petrópolis, Vozes, 1984).

16. LÉVINAS, Emmanuel (1984), *Transcendance et intelligibilité*. Genève, Labor et Fides. Cf. LÉVINAS, Emmanuel. (1992), *De Dieu qui vient à l'idée*. Paris, Vrin.

17. LÉVINAS, Emmanuel. (1986), *De l'existence à l'existant*. Paris, Vrin.

18. LÉVINAS, Emmanuel. (1988), *Totalité et Infini*, op. cit., pp. 81-93.

se relações éticas devem conduzir a transcendência a seu termo, é que o essencial da ética está na sua *intenção transcendente* e porque toda intenção transcendente não tem a estrutura nóesis-noéma.

Como foi indicado, Lévinas tem parágrafo em *Totalité et Infini* com o título “A transcendência como idéia do Infinito”. Do que vimos, compreende-se que diga: “A presença de um ser que não entra na esfera do Mesmo, presença que a excede, fixa seu ‘estatuto’ de infinito”.

Comumente se pensa o infinito a partir do finito: “o infinito supõe o finito que ele amplia infinitamente”. Assim é em Kant, para quem “a noção de infinito se põe como um ideal da razão”. Hegel “defende a positividade do infinito”, mas exclui toda multiplicidade:

O infinito deverá englobar todas as relações. Como o deus de Aristóteles, só se refere a si, que seja apenas ao fim de uma história. A relação de um particular com o infinito equivale à entrada desse particular na soberania do Estado. Torna-se infinito ao negar sua própria finitude.

Opondo-se a Kant e a Hegel, Lévinas toma de Descartes a “idéia do infinito”, à parte sua “prova” da existência de Deus Infinito, que precisamente não pertence ao caso da “idéia do infinito” no filósofo judeu-lituano-francês. Conhecemos o que diz Descartes na Terceira de suas *Meditações*:

Não devo imaginar que não concebo o infinito por uma verdadeira idéia, mas somente pela negação do que é finito, do mesmo modo que compreendo o repouso e as trevas pela negação do movimento e da luz: pois, ao contrário, vejo manifestamente que há mais realidade na substância infinita do que na substância finita e, portanto, que, de alguma maneira, tenho em mim a noção do infinito anteriormente à do finito, isto é, de Deus antes que de mim mesmo. Pois, como seria possível que eu pudesse conhecer que duvido e que desejo, isto é, que me falta algo e que não sou inteiramente perfeito, se não tivesse em mim nenhuma idéia de um ser mais perfeito que o meu, em comparação ao qual eu conheceria as carências de minha natureza?... E isto não deixa de ser verdadeiro, ainda que eu não compreenda o infinito... pois é da natureza do infinito que minha natureza, que é finita e limitada, não possa compreendê-lo.<sup>19</sup>

Lévinas toma esse “esquema formal” da idéia do infinito para “pensar” a relação com Outrem. É não a partir da existência de Deus, que Descartes vê implicada no fato da idéia: o face a face é a experiência da idéia, sem recurso a Deus enquanto termo da idéia:

A relação do Mesmo com o Outro, sem que a transcendência da relação corte os laços que a relação implica, mas também sem que esses laços unam num Todo o Mesmo e o Outro, é fixada na situação descrita por Descartes onde o

19. DESCARTES, René. *Meditações*. (1973), Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo, Abril Cultural.

“eu penso” entretém com o Infinito, que não pode de nenhum modo conter e do qual está separado, a relação chamada “idéia do infinito”. Por certo, as coisas, as noções matemáticas e morais são-nos também presentes, segundo Descartes, por idéias e delas se distinguem. Mas a idéia do infinito tem isso de excepcional: seu *ideatum* excede sua idéia, ao passo que, para as coisas, a coincidência total de suas realidades “objetiva” e “formal” não fica excluída... A distância que separa *ideatum* e idéia constitui o próprio conteúdo do *ideatum*. O infinito é próprio do ser transcendente enquanto transcendente, o infinito é o absolutamente outro. Pensar o infinito, o transcendente, o Estrangeiro, não é então pensar um objeto. É pensar o que não tem os traços do objeto, na realidade é fazer mais ou melhor do que pensar. O infinito no finito, o mais no menos que se realiza pela idéia do Infinito, produz-se como Desejo. Não como um Desejo que a posse do Desejável apazigua, mas como Desejo do Infinito que o desejável suscita, em lugar de satisfazer. Desejo perfeitamente desinteressado — bondade.<sup>20</sup>

É preciso entender o que *diz* no interior do pensamento que *diz*. É sempre preciso “dizer o dito”.<sup>21</sup> Lévinas *seculariza* a “idéia do infinito” de Descartes. Ela diz respeito à “relação do Mesmo [do eu] com o Outro [do eu]”. Todavia, trata-se de uma *estranha* rela-

20. LÉVINAS, Emmanuel. (1988), *Totalité et Infini*, op. cit., pp. 18-23.

21. LÉVINAS, Emmanuel. (1978), *Autrement qu’être ou au-delà de l’essence*. La Haye, Martinus Nijhoff.

ção: “Sem que a transcendência da relação corte os laços que a relação implica” e “Sem que esses laços unam num Todo o Mesmo e o Outro”. Paradoxalmente de “relação sem relação” *não corta* os laços pois *não une* num Todo o Mesmo e o Outro. O “eu penso” entretém com *Outrem, quem* não pode de nenhum modo conter e do qual está separado, a relação chamada “idéia do infinito” por Descartes. O “excepcional” da idéia do infinito é que “seu *ideatum* excede sua idéia”. Quer dizer, “a distância que separa *ideatum* e idéia constitui o próprio conteúdo do *ideatum*.”

Considere-se em destaque as densas proposições na continuidade do texto:

- O infinito é próprio do ser transcendente enquanto transcendente, o infinito é o absolutamente outro.
- Pensar o infinito, o transcendente, o Estrangeiro, não é então pensar um objeto.

O termo “Estrangeiro” é próprio da tradição bíblica da qual se alimenta Emmanuel Lévinas, tal como muitos se alimentam da mitologia grega. Está presente na quatriade do *profeta* Isaías, *profeta* ao modo dos celebrados *poetas* gregos Homero e Hesíodo. — Não sei por que tanto se celebra a cultura *helênica* contra a cultura *semita* —. A quatriade é a seguinte: “o pobre” (que não tem recursos econômicos), “a viúva” (que não tem marido que a sustente),

“o órfão” (que não tem abrigo que o recolha), “o estrangeiro” (que não tem pátria onde pisar). Em síntese, são “os condenados da terra”, que hoje chamamos de excluídos. Pois bem, para Lévinas, a única idéia que lhes cabe é a “idéia do infinito”!

Por fim:

- O infinito no finito, o mais no menos que se realiza pela idéia do Infinito, produz-se como Desejo. Não como um Desejo que a posse do Desejável apazigua, mas como Desejo do Infinito que o desejável suscita, em lugar de satisfazer. Desejo perfeitamente desinteressado — bondade.

Veja-se que “idéia do Infinito” vira “desejo do Infinito”, contanto que seja “desejo perfeitamente desinteressado — bondade”. Para muitos *bondade* é ilusão ou utopia, como se a *política* pudesse tomar todo o lugar da *ética*!

A relação com Outrem é infinita! Mas, a separação do face a face não é tragédia! A história está aí, sem predestinação, infinita, metafísica, sem termo conclusivo, sempre futura. *Aventura* da bondade e generosidade! Segredo do homem:

Minha vida e a história não formam totalidade. O comum que permite falar de sociedade objetivada, e pelo qual o homem se assemelha a coisa e se individualiza como coisa, não é primeiro. A verdadeira subjetividade humana é indiscernível, na expressão de Leibniz, e não é como indivíduos de um gênero

que os homens estão juntos. Sempre se soube disso ao se falar do segredo da subjetividade. Mas este segredo foi ridicularizado por Hegel.<sup>22</sup>

### *Prosseguindo*

Há também em Emmanuel Lévinas o emprego do termo “infinição”. Escreve no “Préface” de *Totalité et Infini*:

A relação com o infinito não pode, por certo, ser dita em termos de experiência, porque o infinito desborda o pensamento que o pensa. Nesse transbordamento, precisamente se produz a sua própria *infinição*, de sorte que será preciso dizer a relação com o infinito em outros termos que não em termos de experiência objetiva. Mas, se experiência significa precisamente relação com o absolutamente outro... a relação com o infinito plenifica a experiência por excelência.

Não é fácil, contudo se pode entender. Se “a relação com o infinito” é relação com *outrem*, não se entenda que *outrem* seja “ontologicamente” infinito! Seria o Deus cartesiano. É infinita “porque desborda o pensamento que o pensa”. Por isso, na relação com *outrem*, “se produz [da relação] a sua própria *infinição*”. Não será

em termos de experiência objetiva. Mas, se experiência significa precisamente relação com o absolutamente outro... a relação com o infinito plenifica a experiência por excelência.

22. LÉVINAS, Emmanuel. (1982), *Éthique et Infini*. “Secret et liberté”, op. cit., pp. 67-75.

Ainda é preciso citar Emmanuel Lévinas para dar crédito ao que escrevo:

A idéia do infinito é o modo de ser — a *infinição* — do infinito. O infinito não existe antes para se revelar *em seguida*. Sua infinição se produz como revelação, como inserção em mim de sua idéia. Produz-se no fato inverossímil em que um ser separado, fixo à sua identidade, o Mesmo, o mesmo do eu, no entanto contém em si o que não pode nem conter nem receber pela força somente de sua identidade. A subjetividade realiza essas exigências impossíveis: o fato surpreendente de conter mais do que é possível conter. Este livro apresentará a subjetividade como acolhedora de Outrem, como hospitalidade. Nela se consuma a idéia do infinito. A intencionalidade, onde o pensamento permanece *adequação* ao objeto, não define então a consciência no seu nível fundamental. Todo saber enquanto intencionalidade já supõe a idéia do infinito, a *inadequação* por excelência.<sup>23</sup>

Há *revelação* da infinição da subjetividade. Essa revelação é a *inserção* em mim da idéia do infinito. Também Descartes diz de inserção em mim da idéia do infinito, operada por Deus. Lévinas, porém, diz que a infinição *se produz*.

Produz-se no fato inverossímil em que um ser separado, fixo à sua identidade,

de, o Mesmo, o mesmo do eu, no entanto contém em si o que não pode nem conter nem receber pela força somente de sua identidade.

A idéia do infinito é o *modo de ser* da subjetividade. Significa que o infinito da subjetividade é a *infinição* da subjetividade. Subversão da subjetividade moderna, porque o famigerado “sujeito” (Eu penso, *je pense, Ich denke*) se sujeita a Outrem! Paradoxo: *sujeitando-se vira sujeito!*

### Concluindo

Costumo dizer aos meus alunos de filosofia que é mais fácil ler Kant, Hegel, Heidegger do que ler Lévinas.<sup>24</sup> Para ilustrar, o testemunho é de Enrique Dussel:

Quando li pela primeira vez o livro de Lévinas *Totalidade e Infinito*, produziu-se em meu espírito um desencaxe de tudo que até então fora apreendido. Conversando pessoalmente em Paris, no início de 1971, pude comprovar o grau de semelhança de nosso pensamento com o do filósofo francês.<sup>25</sup>

Certamente, tratando-se sobretudo de Emmanuel Lévinas, muitas coisas ficaram obscuras. Mas, espero que algumas tenham ficado claras. Termino

23. Cf. CINTRA, Benedito Eliseu Leite. (1996), “Lévinas: O Prefácio de ‘Totalité et Infini’” - *Revista Brasileira de Filosofia* - Instituto Brasileiro de Filosofia — São Paulo SP — 43(184):436-468 out.-dez; 44(185): 67-94 jan-mar. 1997.

24. Cf. DERRIDA, Jacques. (1967), “Violence et Métaphysique. Essai sur la pensée d’Emmanuel Lévinas”. In: *L’écriture et la différence*. Paris, Seuil.

25. DUSSEL, Enrique e GUILLOT, Daniel. (1975), *Liberación latinoamericana y Emmanuel Lévinas*. Buenos Aires, Bonum.

ainda como uma citação de Lévinas. Afinal, mais vale ler Lévinas do que ler sobre Lévinas:

A responsabilidade não é um simples atributo da subjetividade, como se esta existisse já em si mesma, antes da relação ética. A subjetividade não é um para si; é inicialmente para outrem.

Definir o *sujeito* como *responsável*, a *subjetividade* como *responsabilidade*, ainda seriam muitas coisas a explicar. Já se disse que Emmanuel Lévinas é insuportável!

Recebido em 28/8/2002  
Aprovado em 30/10/2002

**Benedito Eliseu Leite Cintra**, professor de Ética no Departamento de Filosofia da PUC-SP. Membro do Cebel (Centro Brasileiro de Estudos sobre o pensamento de Emmanuel Lévinas).  
E-mail: elcintra@terra.com.br